

# Monólogo de Carmem: segundo ato

Eu empresto as coisas dos outros mesmo. Por exemplo, as saias e os vestidos de minhas amigas que foram emprestados a mim, eu empresto para outras – e nem precisam ser amigas. Até mesmo certos xales, vermelhos de grossas franjas. Se “quem empresta não presta”, minhas amigas não prestam, e emprestam – num acesso de volúpia de possuir algo de que alguém precisa – coisas suas. E se espalham confortavelmente no mundo. É muita posse de mundo, é muita pretensão chamar algo de seu. E elas não prestam então! E acabo por emprestar também, fácil que sou, do mundo que sou. Por isso nem presto também: é óbvio. Já que empresto. E, maliciosamente, o que não é meu. Faço girar a grande roda de imprestabilidade humana: e quem disse que euzinha, Camem, não gosto disso? Prestar é que não presta, por isso empresto. Agora, se, por outro lado, “emprestar o já emprestado tem cem anos de perdão”, destruo tudo e desembaralho a ordem: não quero. Não quero pensar nessa possibilidade. Quero apenas justificar – aliás, nem isso; não sinto culpa – por fazer rodarem as saias rodadas ou não, das amigas rodadas ou não. Viabilizo a prática, porque o mundo é meu. Eu empresto minha sensibilidade para o mundo, meu sentir, minha pele toda inteira imersa nesse vasto sentir. Posso pegar o que eu quiser dele. Sou dona e produto, sempre alterado, cópia esquecida de que tenha havido mesmo um original – original: essa lenda assustadora. Extravaso meu sentir de mundo. Por que não o usar, então? E, num acesso de superioridade, sentir-me digna de emprestar o que nem é meu porque notei o caos de tudo antes de outros? Perdoe-se quem não sabe dessa particularidade do mundo: estou aqui para oferecer-lhes o pão e assumir toda e qualquer culpa.